



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14031 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O comum e as relações entre adultas e crianças em espaços ocupados numa pesquisa Brasil, Itália, Portugal e Argentina

Marcia Aparecida Gobbi - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Cleriston Izidro dos Anjos - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Nádia Massagardi Caetano da Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

O comum e as relações entre mulheres e crianças em espaços ocupados numa pesquisa Brasil, Itália, Portugal e Argentina

Esta proposta resulta do projeto xxxx envolvendo pesquisas e pesquisadoras/es do Brasil, Itália, Argentina e Portugal, que tem como um de seus objetivos conhecer e/ou reconhecer aspectos concernentes à construção e prática do bem comum envolvendo cuidados e educação entre mulheres e crianças em espaços sociais ocupados, território indígena e escolas. Neste trabalho faremos um recorte acentuado que visa abordar o bem comum nas relações existentes em espaço ocupado na cidade de Nápoli, acolhimento com crianças em escola pública da cidade de Braga e nas relações entre Guarani Mbya, na Argentina. A metodologia utilizada concentrou-se em pesquisa de campo realizada ao longo de 5 meses nos espaços mencionados e teve como recursos: observação e participação em atividades cotidianas com adultas e crianças, entrevistas com adultas e desenhos feitos pelas crianças. Encontrou-se certa especificidade de ações que mesclam práticas de cuidado e a luta pela vida presentes no cotidiano de ocupações habitativas e sociais, escola e em territórios indígenas adensadas pela busca do bem comum, assunto sobre o qual nos debruçaremos neste recorte de pesquisa.

Palavras-chave: Bem comum. Crianças. Mulheres. Espaços ocupados. Educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as relações produzidas cotidianamente e que se autodenominam bem comum relacionadas à infância e mulheres em espaços ocupados nas cidades de Napoli, Itália, no território indígena Guarani Mbya, em Misiones, na Argentina e em uma escola pública situada em Braga, Portugal. Realizada por diferentes pesquisadoras e pesquisador nos três países buscou-se identificar tais práticas no cotidiano dos lugares mencionados, as relações entre crianças, espaço, práticas e mulheres. Temos como objetivo geral contribuir com a produção de estudos sociais da infância produzindo pensamentos sobre a produção de outro projeto de mundo sem a presença do capitalismo e suas égides, ou, no caso da escola, em propostas que levem à compreensão do fim deste sistema opressor em todas as suas formas. Partimos do conhecimento prévio construído em pesquisas já realizadas no Brasil que afirmavam a existência de grupos cujas ações são definidas por eles como práticas do bem comum. Nos países pesquisados considerou-se essa autodefinição dada pelos grupos a si mesmos – nos espaços ocupados e território indígena – e no atendimento à população, em especial migrante, e que também se encontra, em parte, na escola pesquisada em Braga no âmbito de suas práticas pedagógicas e curriculares de caráter intercultural. Afirmam, a seu modo, a existência de um cenário que remete à urgência do fim deste mundo tal como está sendo produzido secularmente, cujas tramas ardilosas forjadas na extrema direita, em ideias e práticas fascistas e no ultra neoliberalismo têm produzido a naturalização da brutalidade sob a qual se faz o cotidiano em que estamos imersos. Mais do que palavras escritas em redes sociais dos espaços ocupados, mas também seguindo-as como fontes documentais que permitem o registro de ideias e outras práticas, buscou-se essas afirmações, nas pesquisas realizadas, no dia a dia vivido e produzido por todas/os/es no espaço ocupado, na escola e no território indígena.

A partir dos dados das pesquisas de campo qualitativas nos lugares mencionados, focaremos em breves análises de episódios participados ao longo das pesquisas. Ao optarmos por apresentar três investigações, temos compreensão de que restringimos o foco de análise. Contudo, a intenção é um primeiro panorama, para posteriormente seguirmos com aprofundamentos necessários e desejados. Na metodologia optamos pela participação no cotidiano de algumas ações nos locais, diálogos, entrevistas e fotografias como recurso metodológico de apoio à memória e ao caderno de campo e fonte documental, que, no caso do espaço ocupado em Napoli, eram multiplicadas via rede social whatsapp, entre as pessoas locais como forma de guardar em imagens o visto e o vivido entre todas.

O BEM COMUM: Infância, mulheres e espaços sociais ocupados em três cenas

O bem comum é uma noção que oferece desafios para sua compreensão. Tomamos como princípio as definições de Dardot e Laval (2019) que informam ser o “comum” um princípio político e filosófico baseado em colaboração e autogestão dos comuns, esses os ativos das práticas do comum, são aqueles que o produzem. Encontra-se uma definição

bastante usada em espaços ocupados italianos, em que é forte a incidência da autogestão e independência de verbas estatais e privadas. Fazendo coro à compreensão destes autores, é possível afirmar que não se trata de bens-comuns, como propriedade privada, mas princípios com os quais se constrói o comum, que é de todos, sem concepções privatistas e remetem a práticas para todos, de modo comum a todos. Podem estar divididos em bens comuns da natureza e outros relacionados a práticas sociais produzindo comunidades específicas, tal como visto, sobretudo em Napoli e entre os Guarani, embora estes possuam certas particularidades culturais nos modos como compreendem suas práticas comunitárias. Segundo Bolier, ao pensarmos sobre o comum importa pensar que somos natureza, sem hierarquizações e que esse pensamento resultaria em formas de resistência particulares em relação ao que nos cerca. Pretende-se a construção do comum entre e com os diferentes, combatendo desigualdades sociais (BOLLIER, 2016, p. 163). Comunidades tradicionais e indígenas, de subsistência, digitais e culturais são consideradas para o entendimento do comum. Não há comum sem o fazer comum, como está afirmado no Manifesto Comuneros (UGARTE, 2016).

NAPOLI: Espaços ocupados e a produção cotidiana do bem comum

Qual a relação entre o bem comum, a(s) infância(s) e mulheres, mães ou não? Quais as relações cotidianas efetivadas e que materializam práticas do comum e problematizações que evidenciam projetos para outros modelos de sociedade e a possibilidade de tempos projetados cotidianamente com a participação das pessoas? A pesquisa realizada teve como objetivo conhecer práticas identificadas como bem comum nas relações estabelecidas entre crianças, mulheres e demais ocupantes de espaços sociais e habitativos e apreender possíveis projetos de sociedade que se encontram em curso e se constituem entre todas/os/es nos diferentes grupos já mencionados. Quem sabe algo semelhante a mescla entre o domingo e os dias da semana, identificados por Walter Benjamin em suas derivas por Napoli?

Para seu alcance, nesta cidade, foram levantados os espaços ocupados com finalidades habitativas e sociais, cujos objetivos de ocupar são diferentes, ou seja, morar e a relação direta com a luta por um teto e produzir relações com as comunidades do entorno em forma de ofertas gratuitas de atividades variadas para todas as pessoas e assembleias semanais.

Dada a exiguidade do tempo, a pesquisa concentrou-se mais fortemente em um destes espaços, com participação ativa em dois grupos de mães e crianças e assembleias, cuja mediação se dava respectivamente por práticas de cerâmica e crochê, num espaço físico de arquitetura do século XVII, onde já funcionou um convento com pequena igreja e um chamado reformatório para jovens e crianças consideradas como infratoras, no que hoje é um bairro popular napolitano. São bastante emblemáticos os usos anteriores e o que se faz atualmente. Ao tornar-se vazio o amplíssimo espaço ganhou o destino do uso e comércio de drogas. Segundo princípios de determinados grupos existentes na cidade, espaço vazio deve

ser ocupado e liberado ao uso – são vários: jardim, manicômio, conventos – e assim foi feito por outros jovens cuja proposta era mudar os rumos do abandono em que se encontravam pessoas e espaço físico. Ocuparam e ainda ocupam há 8 anos. O ato, à época, rendeu prisão ao grupo de jovens ocupantes e punições pelo ato político cometido. Com julgamento e rápida soltura, o espaço, aos poucos, foi destinado aos usos atuais e ao chamado bem comum em atenção à infância, juventude e mulheres, sobretudo do bairro, sendo aberto à população.

Mas, o que é o bem comum? Perguntou uma das pesquisadoras da equipe que realizava sua pesquisa na cidade de Napoli, à Lina, uma das mulheres ocupantes e proponentes de atividades com crianças nas tardes de sábados no espaço “Liberato”. Ela responde à pergunta aparentemente complexa com um convite: basta vir e ficar conosco e você saberá. As observações levaram à percepção de que bem comum é estar presente em acolhimento constante, sem a presença do Estado, sem a presença da Igreja – o que na Itália é um elemento importante a considerar –, mas com a ostensiva presença do desejo de criar e produzir outras formas de estar no mundo entre todas as pessoas. Vale informar que a maioria das participantes são oriundas do Srilanka, de onde migram para dar continuidade à vida e de modos diferentes àqueles vividos anteriormente.

MISIONES (Argentina): GUARANI MBYA E O COMUM NA TERRA

Na Argentina, a pesquisa se realizou na província de Misiones, em duas comunidades Guarani Mbya, sendo em Puerto Iguazú e em outra em Montecarlo, ambas localizadas próximas à fronteira com o Brasil. Ali, o encontro se deu nas ruas, onde vendem artesanato e por vezes pedem ajuda com roupas e alimentos, na escola e em visitas às casas de algumas famílias. Reconhecendo as adversidades que enfrentam essas comunidades, sobretudo no que refere às atividades que exploram o turismo na região, os guaranis mantêm-se firmes no Guarani Reko (modo de ser Guarani), em uma luta secular pelo direito ao território e à vida.

Nas relações estabelecidas com as crianças se observou a forte presença dos anciãos em seus ensinamentos, não apenas sobre o secular modo de vida, mas enfatizando aspectos que apontam para suas transformações culturais e históricas, eles e elas que são o próprio fruto destas mudanças, que embora não envergando ao tempo, misturam-se a ele produzindo-o a seus modos com as crianças. Esses ensinamentos encontram-se, entre outras coisas, no chipa compartilhado, na organização do cotidiano e nos diversos elementos da vida social. Neles é possível encontrar indícios que nos remetem às práticas coletivas do comum. Nesse sentido, vale frisar a existência de uma organização social própria do modo de vida comunitário essencial à cultura Guarani, que se aprende cotidianamente e desde muito cedo, que faz com que as crianças se reconheçam como sujeitos coletivos, em que a convivência é baseada na cooperação, na produção de relações baseadas na reciprocidade, nas práticas de uso coletivo e não predatório dos recursos naturais, em um compromisso com a vida e com um propósito compartilhado: a preservação e fortalecimento do conhecimento guarani. E para além, naquilo que determina o real sentido do comum: práticas criadoras, produtoras de

mundos não regidos pelo capital.

Bem comum na escola? A produção de práticas interculturais pelo aprendizado do comum em Braga, Portugal.

Temos aqui uma experiência interessante. Não se identifica o comum tal como inicialmente definido nesta pesquisa, seja nos autores/as referenciados/as, seja nas falas proferidas ao longo das investigações. Contudo, as análises nos encaminham para a percepção de uma proposta pedagógica preocupada com as relações de acolhimento envolvidas às crianças e uma aprendizagem crítica para a vida em comum. O capitalismo, bem como o ultra neoliberalismo e processos migratórios para a região, são objetos de debates e de produção de um currículo, cuja interculturalidade referida pretende produzir relações diferentes com o outro. Embora estudos sobre currículo e práticas pedagógicas já tenham identificado sua capacidade de produzir identidades como documentos (SILVA, 2007), acreditamos encontrar indícios de uma outra forma de fazer currículo num mundo que tem se feito pela tão forte presença de migrações e migrantes também nas escolas e pelos mais variados motivos e que se aproximam de um entendimento da infância, de crianças com pouca idade, mas não só, como precursoras deste mundo respeitoso e menos ágil quanto a obtenção de lucros tornando a vida apenas moeda de troca e não em seu uso livre vivendo-a em contraposição ao capital.

Antes que o mundo acabe: o bem comum, as crianças e as possibilidades de mudar estruturalmente a sociedade.

Após a construção dos dados, as análises têm nos permitido perceber, até o momento, o comum em diferentes formas e espaços. Nossa pesquisa, cujos aportes e alcances pretendidos são mais amplos, foi apresentada aqui em apenas um de seus recortes possíveis numa escolha por discutir o comum e a infância que se faz junto a mulheres, algo forte e que carece de maiores aprofundamentos teóricos. Para além da luta pela água, ar e terra como bens comuns, têm ganhado proporções muito maiores em processos formativos para a construção e ação pelo bem comum. Se faz na batalha contra a precariedade da vida sabidamente provocada pela política de precarização que produz um cotidiano em que o espaço da vida, pensada em amplitude, tem sido vencido pelas mais diferentes mortes e misérias. Espaços ocupados para moradia ou como promotores de atividades, sem a presença do capital, escolas em seus currículos e a vida prática de povos indígenas se constituem em propostas também feitas para e com as crianças e as mulheres, tão constantes no que fora observado. Percebe-se que o mundo não é mais defendido tal como está. Entendemos pelas pesquisas, até o momento, práticas cotidianas para mudá-lo, o que se faz, sobretudo no âmbito político envidando esforços na construção de relações sem a mediação do capital, como nos espaços sociais ocupados, ou de modo secular entre os guaranis, e ainda em propostas críticas na escola investigada. Entre tantas pessoas envolvidas, considera-se fortemente a presença de

crianças e mulheres, e ainda há tanto a pesquisar sobre essa relação. Ambas guardam e produzem o futuro no presente cujas forças encontram-se mobilizadas no ordinário do cotidiano na e para a realização do comum. Para que este mundo acabe e outro igualitário possa nascer.

REFERÊNCIAS

BOLLIER, D. **Pensar desde los comunes**. Una breve introducción. España/México/Peru/Argentina: Sursiendo/Traficantes de Sueños/Tinta Limón/Cornucopia/Guerrilla Translation, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.

FEDERICI, Silvia; CAFFENTZIS, George. **Comuns: contra e além do capital**. Pernambuco: Terra sem amos, 2020.

MONTAGNA, Nicola; GRAZIOLI, Margherita. **Urban commons and freedom of movement The housing struggles of recently arrived migrants in Rome**, Citizenship Studies, 23:6, 577-592. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13621025.2019.1634375>

UGARTE, D. **Manifiesto comunero**. Humana, Las Indias, 9 mayo 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade - Uma Introdução às teorias do currículo**. Minas Gerais: Autêntica, 2007.